Pesquisas em Humanismo Solidário

http://www.revistaphs.periodikos.com.br

ISSN 2764-3727

Reflexões sobre a paternidade atípica a partir da concepção de Lamb

Reflections on atypical paternity from Lamb's conception

Reflexiones sobre la paternidad atípica desde la concepción del Lamb

Isis Nunes Veiga[1]

Sumaia Midlej Pimentel Sá[2]

Juliana Viana Freitas[3]

Resumo: Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso com múltiplos sujeitos, cujo objetivo foi conhecer como o pai percebe sua paternidade quando ela se vincula a uma criança com paralisia cerebral. Utilizou-se como referencial teórico no estudo da paternidade a concepção de Lamb (1997). Participaram da pesquisa cinco pais de crianças com paralisia cerebral atendidas numa Clínica Escola de Fisioterapia. A coleta de informações ocorreu por meio uma entrevista semiestruturada. Posteriormente os dados foram analisados com base no

[1]Fisioterapeuta. Doutora em Família na Sociedade Contemporânea, UCSal. Docente da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública e da Faculdade Santa Casa. Lattes: http://lattes.cnpq.br/8834766472601682. ORCID: 0000-0002-1931-1111.

[2]Graduada em Fisioterapia pela Fundação Para o Desenvolvimento das Ciências. Mestra e Doutora em Família na Sociedade Contemporânea pela UCSAL, Brasil. - mail: sumaia.sa@pro.ucsal.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-6013-8592 .

[3]Fisioterapeuta. Doutora em Família na Sociedade Contemporânea, UCSal. Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia. Coordenadora do Curso de Fisioterapia e docente da Faculdade Santa Casa. Lattes: http://lattes.cnpq.br/3305112523616019. ORCID: 0000-0001-7746-4274.

método de interpretação de sentidos. Foi possível concluir que os pais percebem a importância de estar presente na vida dos filhos, e, quando esta paternidade está associada a um contexto de paternidade atípica, requer destes pais um nível de ressignificação do modelo de paternidade ainda maior, já que as ações de cuidado são mais complexas.

Palavras-chave: Paternidade. Família e Deficiência. Paternidade Atípica. Lamb e Paternidade.

Abstract: This is a qualitative study, a case study with multiple subjects, whose objective was to understand how fathers perceive their paternity when it is linked to a child with cerebral palsy. Lamb's (1997) conception was used as a theoretical framework in the study of paternity. Five fathers of children with cerebral palsy treated at a Physiotherapy School Clinic participated in the study. Information was collected through a semi-structured interview. The data were subsequently analyzed based on the method of interpretation of meanings. It was possible to conclude that fathers perceive the importance of being present in their children's lives, and when this paternity is associated with a context of atypical paternity, it requires an even greater level of resignification of the paternity model from these fathers, since the care actions are more complex.

Keywords: Paternity. Family and Disability. Atypical Paternity. Lamb and Paternity.

Resumen: Se trata de una investigación cualitativa, del tipo estudio de caso con múltiples sujetos, cuyo objetivo fue conocer cómo el padre percibe su paternidad cuando ésta está vinculada a un hijo con parálisis cerebral. La concepción de Lamb (1997) se utilizó como marco teórico en el estudio de la paternidad. En la investigación participaron cinco padres de niños con parálisis cerebral atendidos en una Clínica Escolar de Fisioterapia. La información se recopiló mediante una entrevista semiestructurada. Posteriormente, los datos fueron analizados con base en el método de interpretación de significados. Se pudo concluir que los padres perciben la importancia de estar presentes en la vida de sus hijos, y cuando esta paternidad está asociada a un contexto de paternidad

atípica, exige un nivel aún mayor de resignificación del modelo de paternidad por parte de estos padres, ya que las acciones Los procesos de atención son más complejos.

Palabras clave: Paternidad. Familia y Discapacidad. Paternidad atípica. Cordero y paternidad.

Introdução

Nos últimos anos, o interesse pelos papéis desempenhados pelos pais no desenvolvimento dos filhos cresceu fortemente. Sustentou-se que os pais poderiam ter um papel importante a desempenhar na educação da criança, apesar do envolvimento paterno, quando comparado ao da mãe, ser limitado (LAMB, 1992). Embora os pais na sociedade contemporânea possam se relacionar com os filhos em diversos contextos, determinadas discussões enfatizam o lugar dos pais em "contextos tradicionais" (LAMB; LEWIS, 2014). Nas ciências sociais, o termo "família tradicional" refere-se ao ambiente de criação dos filhos que os cientistas sociais consideravam anteriormente como uma norma idealizada, ou seja, uma família de classe média com um pai provedor e uma mãe dona de casa, casados e criando seus filhos biológicos. As famílias "não tradicionais", por definição, envolviam qualquer tipo de padrão diferente do descrito anteriormente.

As relações pai-filho são foco de pesquisa desde a década de 1970. Os estudos foram além das caracterizações unidimensionais de pais como arrimo de família ou como pessoas dicotômicas ausentes ou

presentes no que se refere ao conhecimento dos numerosos papéis que os mesmos desempenham em suas famílias. Uma conceituação mais ampla e inclusiva dos papéis dos pais reconhece essa variação, que inclui não apenas ser arrimo de família, como também companheiro de brincadeiras, guia moral, protetor e cuidador (LAMB; TAMIS-LEMONDA, 2004). Hoje, espera-se dos pais um envolvimento mais ativo do que no passado nos cuidados da criança e, de fato, o pai contemporâneo está mais comprometido do que seu antecessor (LAMB, 1992).

Michael E. Lamb, um psicólogo que estuda o modelo do "novo pai", refere que, a "nova paternidade" inclui, além do suporte econômico e disciplinar, a participação maior do pai em todos os aspectos do cuidado do bebê, até mesmo no acompanhamento ao longo do seu desenvolvimento (LYRA; MEDRADO, 2000). Também afirma que os pais desempenham papéis distintos em diferentes culturas e contextos e existem muitas contradições sobre o significado de ser um bom pai (LAMB, 2010 apud CARVALHO; MOREIRA; RABINOVICH, 2015). Se a criança foi concebida em um relacionamento não duradouro, o papel de provedor pode ser de grande importância, enquanto a orientação moral pode ter menor importância. Em outras comunidades, o suporte financeiro pode ser menos relevante, sendo imprescindíveis os cuidados diretos e suporte emocional. Portanto, o conceito de paternidade reflete alterações no contexto socioeconômico e cultural das sociedades (CARVALHO; MOREIRA; RABINOVICH, 2015).

O pai de uma criança com deficiência advinda de paralisia Cerebral, vivência transformações na sua rotina que o coloca frente a situações nunca vivenciadas e muitas vezes, desafiadoras (DEZOTI et al., 2015). Tal fato faz com que haja necessidade de estudos que possam contribuir para sanar lacunas existentes que geram inquietações e incompreensões acerca da paternidade dita atípica e assim levar a um maior conhecimento da paternidade na contemporaneidade. A partir desse entendimento esse estudo visa conhecer como o pai percebe sua paternidade quando ela se vincula a uma criança com paralisia cerebral.

Percurso Metodológico

Trata-se de uma pesquisa qualitativa oriunda da tese de doutorado intitulada 'Sentidos Atribuídos à Paternidade em Famílias de Crianças com Paralisia Cerebral'. Utilizou-se como referencial teórico no estudo da Paternidade a concepção de Lamb (1997). Para este autor, a "nova" paternidade inclui, além do suporte econômico e disciplinar, a participação maior do pai em todos os aspectos do cuidado do (a) filho(a), até mesmo no acompanhamento ao longo do seu desenvolvimento.

O método utilizado foi estudo de caso com múltiplos sujeitos. Participaram da pesquisa cinco pais de crianças com paralisia cerebral atendidas numa Clínica Escola de Fisioterapia na cidade de Lauro de Freitas-Ba. A coleta de informações ocorreu por meio uma entrevista

semiestruturada. Posteriormente os dados foram analisados com base no método de interpretação de sentidos (Minayo et al., 2016).

A fim de manter o sigilo da identidade, os participantes foram identificados como 'PAI', seguido de um número cardinal. Os participantes apresentaram idade entre 22 e 55 anos, com renda familiar de 1 a 3 salários-mínimos predominantemente. O nível de escolaridade variou entre ensino médio incompleto a ensino superior completo. Em relação à religião, todos declararam-se cristãos exceto um pai que declarou não ter religião (Quadro 1).

Quadro 1: Descrição dos pais que participaram da pesquisa.

Nome	**Idade**	**Grau de Escolaridade**	**Ocupação**	**Renda Familiar**	**Religião**
PAI 1	33	Ensino médio completo	Vendedor	1 a 3 salários-mínimos	Cristão
PAI 2	22	Ensino médio completo	Investimento de borracha e fibra de vidro	1 a 3 salários-mínimos	Não tem religião
PAI 3	55	Ensino médio incompleto	Operador	1 a 3 salários-mínimos	Evangélico
PAI 4	35	Ensino médio incompleto	Carregador	Sem renda fixa (recebe BPC)	Cristão
PAI 5	37	Ensino superior completo	Policial militar	4 a 7 salários-mínimos	Cristão

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).

O envolvimento paterno na concepção de Lamb

Diferentes perspectivas em relação à paternidade foram apresentadas inicialmente por Lamb (1997), e enfatizam componentes como paternidade tradicional, moderna e emergente. Na perspectiva tradicional, o pai tem papel de provedor, e é um suporte emocional para a genitora, porém sem se envolver diretamente com os filhos, através de um modelo autoritário; na perspectiva moderna, o papel assumido pelo pai refere-se ao desenvolvimento moral, escolar e emocional dos filhos. Nesta última perspectiva, o pai vê o desenvolvimento bem-sucedido da criança como um objetivo importante. Já na emergente, o pai participa ativamente da criação dos filhos, e divide com a esposa as atividades de cuidado das crianças (CIA; WILLIAMS; AIELLO, 2005; LAMB, 1997; LEWIS; DESSEN, 1999).

A definição de envolvimento paterno, proposta por Lamb et al. (1985) e Lamb (1992), envolve três dimensões: a interação, a acessibilidade e a responsabilidade. O primeiro componente refere-se aos momentos de interação direta entre os pais e os(as) filhos(as), como em situações de brincadeiras ou de alimentação. O componente da acessibilidade refere-se aos momentos em que o pai mesmo realizando outras tarefas, está disponível para o filho, caso este necessite. O terceiro componente refere-se a uma série de sentimentos – como a preocupação – e, também, ao planejamento por parte do genitor para tomar as medidas necessárias quanto aos cuidados e bem-estar da criança, mesmo não estando em interação direta com esta. Um exemplo disso é o pai que

enquanto está trabalhando e lembra-se de alguma ação ou atividade que precisa realizar com a criança (BENATTI; PEREIRA, 2020).

Lamb et al. (1987) apresentaram um modelo dos recursos para o envolvimento paterno: 1) motivação, que é influenciada pela história do desenvolvimento individual, crenças e personalidade; 2) habilidades e autoconfiança, que é a autopercepção da sua competência em interagir com crianças e o conhecimento sobre desenvolvimento; 3) suportes sociais, que são as redes sociais do pai, as suas relações com a mãe do seu filho e as características da mãe da criança; e, 4) práticas institucionais, que são as características do emprego e o uso de políticas empresariais.

Lamb e Tamis-Lemonda (2004) pontuaram que, os homens desejam se envolver mais, no entanto, as pesquisas mostram que as mulheres não querem que seus maridos se envolvam mais do que elas. Isso sugere que, embora as mães estejam muito sobrecarregadas com suas responsabilidades e gostariam que seus maridos fizessem mais, uma maioria substancial está satisfeita com a sua condição, não só no que diz respeito ao envolvimento paterno, mas também nos tipos de atividades nas quais os pais se envolvem. Os autores ainda acrescentam que podem haver muitas razões para as hesitações maternas em mudar os papéis paternos. Algumas mães podem sentir que seus maridos são incompetentes ou temem que o aumento do envolvimento pode ameaçar a dinâmica de poder dentro da família. Os papéis de mãe e gerente da casa são os dois papéis em que a autoridade da mulher não foi questionada e, juntos, eles constituem a única área em que as mulheres

tradicionalmente desfrutam de poder e controle reais. Em vista disso, aumentar o envolvimento paterno pode ameaçar esse poder.

Lamb e Lewis (2014) acrescentaram que os pais não apenas influenciam os filhos ao interagirem com eles, mas também afetam o comportamento materno, assim como as mães influenciam o comportamento e envolvimento paterno. Como exemplo do que foi descrito, os mesmos autores relataram que os pais são consistentemente mais envolvidos na interação com seus bebês quando eles são altamente envolvidos na interação com seus parceiros e quando eles e seus parceiros têm atitudes de apoio em relação ao envolvimento, até mesmo quando os pais não coabitam.

Esses fatos foram observados no presente estudo. Os entrevistados percebem-se como pais presentes no cotidiano da criança, já que participam ativamente da educação dos filhos, e dividem as tarefas de cuidados com a genitora. Os pais descrevem-se como cuidadosos, atenciosos, protetores e amorosos.

> "Então, eu acho que dá pra dividir, dá pra dividir, fazer um acordo, se quiser trocar, pode trocar também. Agora não acho que, tipo assim, a mãe só tem que fazer isso, o pai só tem que fazer aquilo, acho que tem que saber dividir as coisas" (Pai 2).

> "Cuido dele, pego ele na cadeira, boto ele no sofá, ele fica comigo, merenda, come comigo, eu faço tudo que ele pede. Assim, em termos assim de responsabilidade eu tenho muita reponsabilidade com meu filho" (Pai 3).

> "Dentro de uma casa o pai dar pra seus filhos pra não dar ninguém errado, também dar amor, porque dar

> amor... amor, carinho e... rapaz, não tem explicação essa coisa de pai, é isso mesmo, dar amor, dar carinho [...]" (Pai 4).

> "Ela (mãe) é na parte mais dos banhos e eu na parte dos medicamentos e na parte da escovação dos dentes dele, vestir roupa, visto ele, calço, tudo direitinho" (Pai 1).

Os dados aqui encontrados são similares aos descritos por diversos estudos (BENATTI; PEREIRA, 2020; GABRIEL; DIAS, 2011; HENN; PICCININI, 2010; JAGER; BOTTOLI, 2011; MATOS; MAGALHÃES, 2019; SILVA; PICCININI, 2007; STAUDT; WAGNER, 2008) que referenciam a cooperação entre pai e mãe com os cuidados da criança e afazeres domésticos.

É notório que a paternidade é uma experiência complexa e que o homem concebe uma nova maneira de ser pai, baseando-se no que está vivenciando no momento em relação a sentimentos, preocupações e expectativas. Destarte, torna-se significativo entender como a família e o pai percebem a paternidade no contexto familiar quando existe uma criança com paralisia cerebral.

Pais mais presentes e participativos, conforme foi visto nas falas dos informantes do presente estudo, têm relação com o que foi descrito por Lamb (1992) sobre o aumento do envolvimento paterno nos últimos anos. Ainda que as mães continuem a dedicar mais tempo do que os pais à interação ou disponibilidade para os filhos (e isso se mantém, mesmo que ambos os progenitores estejam empregados), os homens desejam se envolver mais e, além disso, influenciam o desenvolvimento dos (as)

filhos (as) tanto diretamente, por meio da interação, como indiretamente, devido ao seu impacto, seja este positivo ou negativo, no clima socioemocional da família (LAMB, 1992; LAMB; TAMIS-LEMONDA, 2004).

Lamb (1992) afirma que em uma sociedade pluralista coexistem várias concepções do papel paterno, e que, apesar da ênfase das últimas décadas ter sido na paternidade mais envolvida e mais ativa, as pessoas têm concepções muito distintas da função paterna. Dessen e Oliveira (2013) corroboram com o que foi descrito por Lamb (1992) e pontuaram que a participação do pai no que concerne à distribuição das tarefas domésticas no lar é um dos aspectos mais importantes para o equilíbrio da família durante o curso de vida familiar. As autoras acrescentaram, ainda, que a "literatura sugere que há disparidades entre a efetiva realização de tarefas domésticas e de cuidado com os filhos por parte do pai e a maneira como a mãe os percebe" (p. 185). Tal fato foi reafirmado nesta pesquisa por meio das falas do pai 5 e da sua esposa.

> "Às vezes a mãe está muito cansada que já cuidou o dia todo, então eu levanto pra cuidar, não sempre, mas algumas vezes, é pra virar de um lado pro outro. E é assim, sempre quando eu 'tô' de folga" (Pai 5).

> "Apesar de que ainda tem isso, né, do homem machista, né, de que a esposa tem que cuidar de tudo, do filho, da casa, de tudo e ele só trabalhar, chegar em casa, só tomar banho, saber de comer, ir pra televisão e pronto. Não acho de acordo. Ele tem que fazer o mesmo papel da mãe, com certeza, porque a mãe fica muito sobrecarregada. Eu... houve uma época em meu casamento que eu tive quase uma depressão por muita coisa nas minhas costas, né, aí vem época de exame, consultas...e além de eu ter que

> cuidar dela, eu tenho que cuidar de mim também pra eu tá cuidando dela. Então, se ele não fizer o papel de pai, ficar com isso na mente de que mulher é pra cuidar da criança só, é muita coisa pra mãe fazer, ficar só, muito pesado" (Esposa do pai 5).

O pai como provedor apareceu nas falas dos pais participantes. Estes se preocupam com o bem-estar dos filhos, no sentido de lhes garantir a subsistência. Isso foi evidenciado no estudo em questão:

> "Eu acho que o pai tem que assumir as consequências, as despesas do menino, que eu dou a pensão, nunca deixei de dar, graças a Deus, desde que a gente fez exame de DNA, que comprovou que era meu filho, eu assumi a despesa até hoje. [...] eu amo meu filho demais" (Pai 3).

> "[...] e também botar comida dentro de casa, isso aí é obrigação do pai, nem tanto da mãe, porque a mãe que tem que cuidar dos filhos. Pai mesmo, a carga mais é pro pai. O pai tem que trabalhar, botar comida dentro de casa, dar amor aos filhos também" (Pai 4).

> "Então, o papel hoje do homem [...] é prover a casa e fazer com que tanto a filha, quanto a minha esposa se sinta abraçada, acolhida, trazer conforto emocional, carinho, fisicamente mesmo dizendo. Então, é essa soma, essa união, trazer segurança pra enfrentar as dificuldades do mundo, né?" (Pai 5).

Achados semelhantes foram encontrados por Freitas et al. (2009). Estas autoras realizaram um estudo com o objetivo de analisar os significados atribuídos à paternidade por homens que são pais. Os depoimentos analisados remeteram a uma visão da paternidade pautada na provisão material. Foi predominante o discurso da paternidade como encargo social que legitima o homem com a

qualidade de provedor: “O paternalismo é uma categoria social, que reconhece no pai provedor o modelo de homem a ser seguido por meio dos papéis sociais que ele deve exercer” (p. 88). As autoras ainda acrescentaram que, embora a provisão não seja a única concepção da paternidade, é a mais valorizada e a mais frequentemente descrita em pesquisas que abordam este tema.

Esses achados em relação ao pai que provê coadunam com o que foi descrito por Lamb (1997), quando o autor discorre sobre paternidade tradicional, na qual o pai tem papel de provedor e é, também, um suporte emocional para a genitora.

Prover o lar, disciplinar a criança e brincar com ela são considerados comportamentos inerentes ao pai (GOMES; ALVARENGA, 2016). Para as crianças com PC que possuem mobilidade reduzida, a brincadeira desenvolve aspectos psicomotores, equilíbrio e capacidade física, promovendo a qualidade da motricidade com redução dos distúrbios de coordenação (SIMÕES et al., 2013). Tais fatos podem ser observados nos discursos do Pai 1 e do Pai 5:

> “As brincadeiras é comigo também, brincadeira de montagem, de jogar bola, bicicleta, essa parte é tudo comigo. As demais são mais a mãe, comida, essas coisas, devido ao tempo de eu não ter durante o dia. [...] eu gosto de brincar com ele” (Pai 1).

> “Hoje a figura do pai mudou como a figura da mãe baseada na figura da mulher, né? Hoje as mulheres têm mais espaço no mercado, menos do que deveria, mas já tem, então assim, hoje o papel do homem na minha família ainda se torna uma família tradicional pela necessidade. [...] Então, o papel hoje do homem é prover a casa e fazer com que tanto a filha, quanto a minha esposa se sinta abraçada, acolhida, trazer

> conforto emocional, carinho, fisicamente mesmo dizendo (Pai 5).

As falas anteriores corroboram com o estudo de Seabra e Seidl-de-Moura (2011), no qual as autoras investigaram aspectos do envolvimento paterno tendo como base teórica a abordagem sociocultural. Participaram da pesquisa sete famílias quando seus filhos primogênitos estavam com 5, 20 e 36 meses. Os pais entrevistados consideraram que a tarefa mais prazerosa de ser realizada com os filhos é brincar, e está foi a atividade que os pais mais realizavam com os filhos. O mesmo estudo demonstrou que, na direção do lúdico e do prazer, outra atividade prazerosa é passear. Os depoimentos do Pai 2 e Pai 4 do presente estudo remetem a esses achados:

> "Mas sábado e domingo eu tô em casa, então acordo, dou remédio pra ela, comida [...] às vezes faço o exercício com ela. [...] de vez em quando a gente deixa ela aqui na porta, na cadeirinha pra ela ver um pouco as coisas. Quando dá, a gente também sai com ela. [...]" (Pai 2).

> "Levo elas pra brincar, levo elas pra praia" (Pai 4).

Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Martins, Abreu e Figueiredo (2014). O brincar e estimular o bebê apareceu como uma função que os pais reconhecem como deles, cumprindo-a com gosto. Ainda nesse estudo, os autores relataram que os homens reconhecem as seguintes funções como sendo suas ao assumirem papéis de pai: ajudar no que fizer falta, ajudar no que pode, dar assistência, estar presente e zelar para que tudo esteja bem. Como relatou o Pai 4:

> "Eu dou banho nela, às vezes, de vez em quando eu faço o rango dela. Eu não gosto de fazer muito porque eu tenho a cabeça muito dura, aí eu não sou muito bom de fazer o rango dela não, mas cuidado... limpo o banco dela, troco a fralda dela. [...] dou banho nela, faço o rango dela, dou almoço a ela."

O homem, frequentemente, se assume como prestador secundário de cuidados (DESSEN; OLIVEIRA, 2013; GOMES; ALVARENGA, 2016; MARTINS; ABREU; FIGUEIREDO, 2014) e "acaba por legitimar a ideologia de que cuidar é uma tarefa feminina, que cumpre quando chega a ser necessário ou quando a mãe não está presente, vendo-se no dever de ajudar" (MARTINS; ABREU; FIGUEIREDO, 2014, p.125). Isso é observado nas falas abaixo:

> "Banho eu não dou. É a coisa mais difícil eu dar banho, fralda eu troco, mas dar banho, é difícil eu dar banho. Mas se tiver precisão de dar eu dou" (Pai 3).

> "Meu cuidado com ela é o básico mesmo, é... acordar, muitas vezes quando eu acordo de manhã cedo, muitas vezes nem dou o remédio pra ela, quem dá mais o remédio pra ela é minha mãe, porque a gente pode se confundir. Porque se eu der remédio de manhã pra ela, eu saio muito mais cedo de manhã, minha mãe tá dormindo, então nem dou, possa ser que eu dê e minha mãe dê o mesmo remédio de novo a ela. Mas sábado e domingo eu tô em casa, então acordo dou remédio pra ela, comida, às vezes faço o exercício com ela, sento, mas faço exercício de vez em quando com ela. E ela fica na cadeirinha, a gente coloca um pouquinho no sofá, de vez em quando no chão, de vez em quando a gente deixa ela aqui na porta, na cadeirinha pra ela ver um pouco as coisas. Quando dá também a gente sai (Pai 2).

Pode-se perceber que, em geral, ainda existe uma visão tradicional de mulher e homem em relação ao cuidado com os filhos. Mozzaquatro e Arpini (2017) descreveram em seu estudo que objetivou compreender o

papel e a participação de mulheres e homens no planejamento familiar, que essa visão tradicional não pode ser generalizada, pois, como acontece em todo processo de mudança, há sobreposições de padrões tradicionais com novos modelos de se relacionar, acrescentando que as transformações não se apresentam de forma homogênea na sociedade:

> Entende-se que os processos de mudança nas crenças e valores presentes no imaginário a respeito dos papéis parentais não ocorrem de forma abrupta, permanecendo estereótipos de gênero, ainda que o homem esteja mais participativo e com maior envolvimento no contexto familiar (MOZZAQUATRO; ARPINI, 2017, p. 933).

O estereótipo afirmado por Mozzaquatro e Arpini (2017) é observado no relato abaixo:

> "A mãe é mais pra ela. Eu dou bem espaço pra ela, mas eu sou o homem da casa, né? Por causa da minha correria, botar comida dentro de casa e ter como forma de cuidado com ela, é muito cuidado mesmo. [...] O pai tem que botar comida dentro de casa mesmo, não é nem a mãe. Porque a mãe já tem a preocupação de cuidar do filho, é tomar banho, é fazer comida, é lavar roupa, isso tem a mãe e já fica com ele na mente, quando acorda ela já sabe o que tem que fazer. Aí o pai não, o pai tem que fazer, botar a comida dentro de casa, tem que trabalhar, também dar amor aos filhos também" (Pai 4).

Em relação à participação do pai, Lamb (1997) afirmou que a forma segundo a qual o pai cuida dos filhos é diferente daquela utilizada pela mãe e, que o pai costuma passar menos tempo com a criança, e utiliza esses momentos para atividades como o brincar, o que não quer dizer que seja menos atento e carinhoso. Lamb (1997) acrescentou que o pai (e não apenas a mãe) é capaz de desenvolver vínculos de apego com

seus filhos, ainda que com capacidades de sensibilidade e responsividade diferenciadas. O autor pontuou que o papel do pai é relevante para criança, tanto no processo de desenvolvimento normal quanto patológico. Cruz et al. (2019) complementam que a presença de uma criança com deficiência na família exige dos pais um envolvimento maior em tarefas inesperadas, e isso demanda que as ocupações parentais sejam flexibilizadas e repensadas, afim de favorecer a reorganização das tarefas nos cuidados cotidianos, e também com vistas a partilhar as responsabilidades.

Nesse sentido, ocorre que os papéis desenvolvidos pelos pais requerem atenção, tempo e cuidado, e a vivência no exercício das funções na paternidade pode ser acrescida de dificuldades na presença de uma criança com deficiência, principalmente em relação aos cuidados diários (CRUZ et al., 2019). Esses dados corroboram com as falas dos participantes:

> "É duro, é duro por causa que a gente vê a criança assim e não pode fazer nada, não pode resolver o problema dele. Às vezes sente até uma dor, mas a gente não sabe, não tem como prever aquilo que ele tá sentido. A gente olha assim. Eu mesmo às vezes paro e fico pensando, poxa, dá uma pena não poder resolver, não poder caminhar, não poder andar, vejo assim, poxa, quando quero sair com ele, eu tenho moto, aí eu não posso sair com ele porque ele não tem como se segurar em mim pra gente sair. Se ele fosse um menino perfeito, pronto, ele tava comigo, eu sei que ele tava comigo, mas como ele tem esse problema [...]" (Pai 3).

> "[...] ter uma criança desse porte aí é complicado, a gente tem que ter muitas prioridades, muito... como

> diz a palavra... é muito cuidado, muito cuidado mesmo. Porque a gente tem que ter o maior cuidado com esse negoço de bactéria, a gente não deixa ela com 'muita' pessoa, a gente deixa ela mais com a mãe, porque a mãe não trabalha mais" (Pai 4).

> "Eu gosto muito de cuidar da parte... não posso de maneira nenhuma dos medicamentos dele, as vestes dele e principalmente a órtese dele que a gente não pode deixar de mão. Esses cuidados eu tenho o máximo, preocupação também quando fica doente, eu não... já mexe tudo, eu já fico

A consolidação de uma nova forma de exercer a paternidade na atualidade, na qual os pais estão mais implicados no cuidado cotidiano dos filhos, quando está associada a um contexto de paternidade atípica, requer destes pais um nível de ressignificação do modelo de paternidade ainda maior, já que as ações de cuidado são mais complexas.

Considerações finais

Foi possível observar a partir das narrativas que os pais percebem a importância de estar presente na vida dos filhos e esse dado está em consonância com o que foi descrito por Lamb et al. (1985) e Lamb (1992) que teorizaram o envolvimento paterno por meio de três componentes: a interação, a acessibilidade e a responsabilidade. No presente estudo, os três componentes foram traduzidos da seguinte forma: quando os pais relatam que brincam com as crianças, alimentam, dão banho e trocam fralda (interação); quando os pais estão em casa realizando outra atividade, como assistir televisão, porém disponíveis para criança, caso

ela necessite (acessibilidade); quando os pais estão no trabalho ou ausentes de casa, mas tomam decisões em relação ao deslocamento da criança para as terapias (responsabilidade).

Os pais desse estudo consideram que participam ativamente da educação dos(as) filhos(as) e que dividem as tarefas de cuidados com a genitora. Os pais também relataram que existe uma divisão de responsabilidades com a mãe da criança, pois acreditam na importância da participação deles nesse contexto, ainda que o tempo de contato com a criança seja menor pelo fato de trabalharem fora de casa. Esses dados da pesquisa corroboram com o que foi descrito por Lamb (1992), quando se refere ao aumento do envolvimento paterno nos últimos anos.

O papel do pai como provedor apareceu nos discursos dos pais participantes e estes explanaram que se preocupam com o bem-estar dos filhos, principalmente no que se refere à subsistência, acreditando que a paternidade está pautada na provisão material, pois esta irá possibilitar um maior acesso às terapias e realização de exames. Diante disso, pôde-se perceber que, embora os pais queiram estar mais presentes, comparecendo nas sessões, participando ativamente da habilitação de suas crianças, em geral, ainda existe uma visão tradicional da paternidade.

Percebe-se que, além dos pais estarem mais presentes, interagindo, sendo acessível quando da necessidade de seus filhos e se responsabilizando pelo cuidado com eles, os pais querem estar mais presentes, comparecendo nas sessões, participando do desenvolvimento dos seus filhos atípicos, o que, por sua vez, exige dos profissionais da

saúde, um maior acolhimento da figura paterna, para assim contribuir no enfrentamento desta condição pela família.

Referências

BENATTI, A.P.; PEREIRA, C.R.R. Significados da paternidade em contextos de vulnerabilidade social. **Arquivos Brasileiros de Psicologia,** Rio de Janeiro, v.72, n. 2, p.105-120, ago. 2020.

CARVALHO, A.B. de.; MOREIRA, L.V. de C.; RABINOVICH, E.P. A figura do pai: entre declínio e reorganização. In: BASTOS, A.C. de S. et al. (Org.). **Família no Brasil:** recurso para a pessoa e sociedade. 1.ed. Curitiba: Juruá, 2015. cap.17, p.419-442.

CIA, F.; WILLIAMS, L.C. de A.; AIELLO, A.L.R. Influências paternas no desenvolvimento infantil: revisão da literatura. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.9, n.2, p.225-233, 2005.

CRUZ, T.A.R. da. et al. Perfil sociodemográfico e participação paterna nos cuidados diários de crianças com microcefalia. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v.27, n.3, p.602-614, 2019.

DESSEN, M.A.; OLIVEIRA, M.R. de. Envolvimento paterno durante o nascimento dos filhos: Pai 'real' e 'Ideal' na perspectiva materna. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.26, n.1, p.184-192, 2013.

DEZOTI, A.P. et al. Apoio social a famílias de crianças com paralisia cerebral. **Acta Paul Enferm**. v. 28, n. 2, p.172-176, abr. 2015.

FREITAS, W. de M. F. e et al. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. **Rev. Saúde Pública**, v.43, n.1, p.85-90, 2009.

GABRIEL, M.G.; DIAS, A.C.G. Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. **Estudos de Psicologia.** v.16, n.3, p.253-261, set.-dez. 2011.

GOMES, Q. de S.; ALVARENGA, P. O envolvimento paterno em famílias de diferentes níveis socioeconômicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** v.32, n.3, p.1-9, jul.-set. 2016.

HENN, C.G.; PICCININI, C.A. A experiência da paternidade e o envolvimento paterno no contexto da Síndrome de Down. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.26, n.4, p.623-631, out.-dez. 2010.

JAGER, M.E.; BOTTOLI, C. Paternidade: vivência do primeiro filho e mudanças familiares. **Psicologia: Teoria e Prática,** v.13, n.1, p.141-153, 2011.

LAMB, M. E. et al. Paternal behavior in humans. **American Zoologist,** v.25, n.3, p. 883-894, 1985.

LAMB, M.E. A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In: J.B. Lancaster & J. Altmann (eds.), **Parenting across the life span:** Biosocial dimensions. Hawthorne, NY: Aldine, 1987, p.111-142.

LAMB, M.E. O papel do pai em mudança. **Análise Psicológica.** v.1, n.10, p. 19-34, 1992.

LAMB, M.E. Fathers and child development: an introductory overview and guide. In: LAMB, M.E. (org.). **The Role of the father in child developmental,** New York: John Wiley & Sons. 1997, p.1-18.

LAMB, M.E; TAMIS-LEMONDA, C.S. The Role of the father: an introduction. In: LAMB, M.E. **The Role of the father in child development.** 4. ed. New York: John Wiley & Sons, 2004. cap.1, p.1-32.

LAMB, M.E. Mothers, Fathers, Families, and Circumstances: Factors affecting childrens'adjustment. **Applied Developmental Science,** v.16, n.2, p.98-111, 2012.

LAMB, M.E.; LEWIS, C. Father-child Relationships. In: CABRERA, N.; TAMIS-LEMONDA, C.S. (Eds). **Handbook of father involvement.** 2. ed. New York: Psychology Press, 2014. p.1-65.

LEWIS, C.; DESSEN, M.A. O pai no contexto familiar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa,** v.15, n.1, p.0-16, jan. – abr. 1999.

LYRA, J.; MEDRADO, B. Gênero e paternidade nas pesquisas demográficas: o viés científico. **Estudos feministas**. Ano 8, p.145-158, 1ºsemestre, 2000.

MARTINS, C.A.; ABREU, W.J.C.P. de; FIGUEIREDO, M. do C.A.B. de. Tornar-se pai e mãe: um papel socialmente construído. **Revista de Enfermagem Referência.** Série IV, n.2, p.121-131, mai.-jun. 2014.

MATOS, M.G.; MAGALHÃES, A.S. Ser pai na contemporaneidade: demandas contraditórias. **Psic. Rev.**, São Paulo, v.28, n.1, p.151-173, 2019.

MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016

MOZZAQUATRO, C. de O.; ARPINI, D.M. Planejamento familiar e papéis parentais: o tradicional, a mudança e os novos desafios. **Psicologia: Ciência e Profissão.**v.37, n.4, p.923-938, out.-dez. 2017.

SEABRA, K. da C.; SEIDL-DE-MOURA, M.L. Cuidados paternos nos primeiros três anos de vida de seus filhos: um estudo longitudinal. **Interação Psicol.**, v.15, n.2, p.135-147, 2011.

SILVA, M. da R.; PICCININI, C.A. Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.24, n.4, p.561-573, out.-dez. 2007.

SIMÕES, C.C. et al. A experiência dos pais no cuidado dos filhos com paralisia cerebral. **Rev.Eletr.Enf**. v.15, n.1, p.138-45, jan.- mar. 2013.

STAUDT, A.C.P.; WAGNER, A. Paternidade em tempos de mudança. **Psicologia: Teoria e Prática**, v.10, n.1, p.174-185, 2008.